



Reflexões sobre práticas de turismo a partir da realização de roteiros em espaços turistificados de assentamentos informais: os casos do Complexo do Alemão (Rio de Janeiro, Brasil) e da Comuna 1 (Medellín, Colômbia)

Luiz Alexandre Lellis Mees

Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO)

Bachiller en Turismo (FACTUR, 1994); Bachiller en Comunicación Social (UFES, 1997); Experto en Historia de Brasil (UFF, 2001); Experto en Comunicación y Imagen (PUC/Río, 2000); Maestro (maestría) en História Social de la Cultura (PUC/Río, 2002); Doctor en Antropología (UFF, 2017).

Correo: mees.turismo@gmail.com

Recibido: 15 de marzo de 2018

Aceptado 23 de junio de 2018

¿Cómo citar este artículo?

Lellis-Mees, L. (2018). REFLEXÕES SOBRE PRÁTICAS DE TURISMO A PARTIR DA REALIZAÇÃO DE ROTEIROS, EM ESPAÇOS TURISTIFICADOS DE ASSENTAMENTOS INFORMAIS: OS CASOS DO COMPLEXO DO ALEMÃO (RIO DE JANEIRO, BRASIL) E DA COMUNA 1 (MEDELLÍN, COLÔMBIA). *Revista Sinergia*, 1(1), 119 - 142. Recuperado a partir de <http://sinergia.colmayor.edu.co/ojs/index.php/Revistasinergia/articloe/view/16>

Reflexões sobre práticas de turismo a partir da realização de roteiros em espaços turistificados de assentamentos informais: os casos do Complexo do Alemão (Rio de Janeiro, Brasil) e da Comuna 1 (Medellín, Colômbia)

Resumo

A turistificação e a elaboração de roteiros constroem espaços “seguros” para práticas do turismo. Trechos do espaço são recortados para que a atividade turística ali aconteça. Esse recorte é dinâmico, mas moldado pelo interesse do turista ou pelo poder público. No entanto, são nos espaços não-turistificados que os conflitos entre a população local e os visitantes ficam mais evidenciados. Principalmente em territórios de assentamentos informais, onde o imaginário de uma localidade pacífica e que possa apresentar mobilidade semelhante a do asfalto, precisa ser vendida e construída, para que a atividade turística se consolide e permaneça gerando capital.

Palavras-chave: Turistificação; Roteiros turísticos; Assentamentos informais; Turismo; Visitantes e visitados.



Reflexões sobre Práticas de Turismo a Partir da Realização de Roteiros, em Espaços Turistificados de Assentamentos Informais: Os Casos do Complexo do Alemão (Rio de Janeiro, Brasil) e da Comuna 1 (Medellín, Colômbia).

CONSIDERATIONS ABOUT TOURISM PRACTICES FROM TOURS IN TOURISTIFICATED AREAS OF INFORMAL SETTLEMENTS: THE CASES OF COMPLEXO DO ALEMÃO (RIO DE JANEIRO, BRAZIL) AND COMUNA 01 (MEDELLÍN, COLOMBIA)

Abstract

Touristification and planning of tours build “safe” spaces for tourism practices. Parts of space are cutted out so that the tourist activity can happens. This clipping is dynamic, but shaped by the interest of the tourist or the public power. However, it is in the nontouristificated spaces that the conflicts between the local population and the visitors are more evident. Especially in informal settlement territories, where the imagery of a peaceful locality that can exhibit certain mobility similar from the asphalt needs to be sold and built, so that tourism activity can be consolidated and continues generating goods.

Keywords: Touristification; Sightseeing; Informal settlements; Tourism; Hosts and Guests.



Reflexões sobre Práticas de Turismo a Partir da Realização de Roteiros, em Espaços Turistificados de Assentamentos Informais: Os Casos do Complexo do Alemão (Rio de Janeiro, Brasil) e da Comuna 1 (Medellín, Colômbia).

INTRODUCCIÓN

Comprar e participar de um roteiro turístico são práticas comuns pertencentes à atividade turística. Participar de um roteiro é uma forma de plasmar geograficamente a experiência de uma viagem. Um roteiro turístico oferecido por uma agência, por um guia ou proposto por um impresso turístico, leva em conta, em geral, a realização de um percurso anteriormente traçado e planejado, considerando determinado espaço físico e social e que apresenta uma duração de tempo limitada. Quando acompanhados por um guia de turismo ou monitor qualificado, este ator social se torna o encarregado de revelar, ao participante do roteiro, os espaços percorridos, construindo uma narrativa sobre o que se vê, e um imaginário do lugar visitado, mediando a expectativa construída anteriormente, com a realidade observada. Na ausência da pessoa responsável pelo guiamento, o visitante ou turista, recorre, geralmente, a suportes materiais como formas de orientação tais como guias impressos, mapas ou aplicativos tecnológicos que podem ser executados em smartphones ou similares. Estes suportes também selecionam determinados espaços e induzem o seu portador a dar atenção a este ou aquele elemento, em detrimento de outros, construindo, assim, o caráter turístico de um local que envolve seleções onde “alguns elementos são iluminados enquanto outros permanecem na sombra” (CASTRO, 1999, p. 81). Para Michel de Certeau (1994), no entanto, o espaço é a prática do lugar, ou seja, os sujeitos o transformam a partir de suas ocupações, apropriações e vivências; simbolizam o espaço percorrido a partir de interferências corporais ou cognitivas.

Pode-se realizar um roteiro de maneira solitária ou em grupo; dentro de um ônibus ou a pé. A uma prática de turismo que realiza um roteiro a pé, dentro de um espaço social e urbano impõe-se questões de cunho antropológico, como as dinâmicas relacionais entre visitantes e visitados. A Recomendação de Havana sobre a Diversidade Cultural e Turismo, redigida em 2003, durante um seminário de mesmo nome, já orientava para a necessidade “de aprofundar a reflexão sobre a relação entre turismo, cultura e desenvolvimento, incluindo as relações entre visitantes e visitados” (BARRETTO, 2007, p. 54).

A elaboração de um roteiro pressupõe o planejamento de uma série de elementos que vão desde o meio de locomoção a ser utilizado até o espaço a ser visitado até o espaço a ser percorrido. Indubitavelmente, ao se planejar um roteiro que utilize espaços urbanos de uma sociedade complexa, uma das preocupações será a da segurança. Que caminhos são os mais seguros - e que privilegiam bens e serviços de interesse ao caráter turístico local - e quais devem ser evitados.

Comumente práticas de turismo se apropriam de determinados lugares, instalando neles o fenômeno turístico. A partir daí, é comum observarmos dentro de um espaço turistificado, que, a presença do estrangeiro se torna mais “familiar” do que em espaços, mesmo que próximos, que são alheios à atividade turística. Em outras palavras, não-turistificados. Assim, defende-se que a turistificação e a elaboração de roteiros, promovem a construção de espaços “seguros” para as práticas do turismo, controlados, onde a população local convive – ou é obrigada a conviver – com práticas cotidianas, onde as do turismo passam a ser familiares. Na dinâmica dessa convivência, inventa-se uma comunidade local e uma comunidade turística que são tomadas como generalizações, já que quando analisado o turismo em sociedades complexas ou em grandes cidades, sempre vão existir relações diferentes entre diferentes comunidades desta sociedade e os turistas que a visitam (BARRETTO, 2007, p. 56).

O Complexo do Alemão, no Rio de Janeiro, Brasil, e a Comuna 01 na cidade de Medellín, Colômbia, são exemplos de sociedades complexas que sofreram - de maneira espontânea ou planejada - um processo de turistificação, a partir da construção de infraestruturas urbanas simbólicas, resultado de políticas públicas urbano-regionais. A partir do interesse de visitação a estes lugares, iniciou-se o estabelecimento de agentes promotores de turismo, interessados em ganho financeiro, que iniciaram, entre outros, a comercialização de roteiros turísticos. Por se caracterizarem como assentamentos informais e, assim, tradicionalmente, locais de moradia de uma população de baixa renda, a preocupação com a questão da segurança nas práticas de turismo nestes locais, sempre fizeram parte tanto dos agentes promotores do turismo, quanto de seus turistas e visitantes. A falta de notícias na imprensa de turistas que tenham sofrido algum tipo de prejuízo físico ou de bens de capital, aliado a uma política de segurança (no caso do Complexo do Alemão) e a um remodelamento urbano (no caso da Comuna 01), criaram uma sensação de segurança, atraindo turistas e visitantes a espaços antes interditados.

Este artigo busca realizar uma breve reflexão crítica sobre os espaços turísticos construídos nestes dois bairros, analisados através de experiências etnográficas de campo, no intuito de defender que essa sensação de segurança está intimamente relacionada à proximidade de infraestruturas urbanas construídas pelo poder público e pela turistificação de espaços.

METODOLOGIA E PRESSUPOSTOS TEÓRICOS

Os antropólogos Naomi Leite e Nelson Graburn, em textos das publicações *The Sage Handbook of Tourism Studies* (2009) e *The Sociology of Tourism: European Origins and Developments* (2009), duas extensas antologias sobre o estudo do turismo nas Ciências Sociais, defendem que o mesmo passou a ser entendido como:

um fenômeno cultural complexo que resiste a ser definido, justificando a rejeição de modelos e tipologias, a favor de estudos locais, concretos e particulares, que privilegiam a pluralidade de práticas, a partir das quais se procura explorar ambiguidades, contingências e “deslizes” (slippages) de significação. (SAMPAIO, 2013. Tradução minha).

A Antropologia do Turismo nos tem fornecido subsídios teóricos e empíricos para reflexões e entendimentos sobre as relações, que envolvem os espaços receptores. A corrente de estudos que privilegia uma explicação para o fenômeno “turismo”, orientada por mudanças ocorridas nos âmbitos sociais, culturais e políticos, ilumina o debate acerca das relações entre visitantes e visitados. Em 1987, os sociólogos britânicos Chris Rojek e John Urry propunham que o termo “turismo” fosse visto, como um conjunto complexo de discursos e práticas sociais. Assim, nesta reflexão crítica, utilizou-se um método indutivo e fenomenológico, e, como procedimentos, a pesquisa bibliográfica, o trabalho de campo, o estudo de caso e a observação participante. De 2013 a 2016 foram observadas cientificamente, práticas de turismo em espaços do Complexo do Alemão, incluindo a realização de roteiros oferecidos por agentes promotores locais; de 2014 a 2016 passou-se a analisar e observar, também, práticas e percursos turísticos na Comuna 01 da cidade de Medellín, Colômbia, com fins de pesquisa científica. Os dados foram coletados através do diário de campo, de conversas gravadas com turistas e com a população local e através do registro fotográfico.

O Complexo do Alemão localizado na cidade do Rio de Janeiro, Brasil, e a Comuna 01 da cidade de Medellín, Colômbia, guardam semelhanças por sua topografia (terrenos inclinados e ladeiras, com ocupação desordenada), caracterizando-se



como territórios de assentamentos informais. Fazem parte da periferia de suas cidades, onde vivem, no geral, uma população de baixa renda. Também encontramos semelhanças em suas dinâmicas sociais, nos processos de “pacificação”, na intervenção do estado para a construção de infraestruturas que beneficiassem seus moradores e pela difusão midiática, influenciando o surgimento do fenômeno turístico nestes locais.

O termo “turistificação” tem como uma de suas principais referências o geógrafo francês Jean Remy Knafou. É usado até hoje para designar o processo de apropriação de trechos do espaço por agentes do turismo, no intuito de implantarem a atividade turística. Segundo Fratucci (2008), o processo de turistificação é o responsável por amalgamar a lógica da produção (esfera do trabalho) e a lógica do lazer (esfera do lazer) e pode apresentar diferentes origens. Uma das fontes da turistificação ditas por Knafou (apud FRATUCCI, 2008) são as práticas sociais de deslocamentos temporários de pessoas, fazendo, assim, com que surjam espaços turísticos. O turista “na busca de novas paisagens mais agradáveis e salutares, diferentes daquelas do seu dia a dia, se apropria de alguns trechos privilegiados do espaço” (FRATICCI, 2008, p. 68 e 69). Estes espaços que se tornam “turísticos” são, por sua vez e posteriormente, são apropriados pelos agentes de mercado por meio de um reordenamento e regulação do uso do solo. Ainda dentro dessa premissa, o espaço turístico seria composto pelo “espaço do turista” e pelo “espaço do turismo” que, apesar de ocuparem o mesmo espaço físico, desempenham funções diferentes: o “espaço do turista” é o espaço de fruição e consumo, enquanto que o “espaço do turismo” é o da produção e trabalho, ou seja, é mais amplo e abrangente do que aquele que o turista ocupa (COSTA e FERREIRA, 2016). Estes espaços, inclusive, preconizados pelo turista, são pré-determinados e “controlados”.

É importante salientar, no entanto, e principalmente para esta reflexão, que, segundo Knafou, esta apropriação do espaço se daria em trechos onde existam elementos – naturais ou culturais – capazes de gerar interesse e fluxos temporários. Comerciantes que estejam diretamente ligados ao interesse turístico local, irão, inclusive, buscar espaços privilegiados para a exposição e venda de seus produtos sejam eles o caminho mais comum que os turistas percorrem (que muitas vezes está construído a partir de um roteiro), a proximidade com os atrativos principais do local, os trechos que recebem mais atenção do turista, entre outros. Estes interesses vão resultar em formas de associação, conflito, cooperação ou hostilidades (abertas ou veladas).

Para J, Fernando Vera et al. (2013), deve-se ter em conta que um espaço não é ontologicamente turístico. Torna-se turístico por constituir um objeto de interesse turístico. É a percepção e o interesse do turista sobre o espaço, os fatores que validam seus recursos, sua população e seus elementos como “de interesse turístico”. Esta validação provém de uma observação simbólica; de um simbolismo social outorgado pelos seus consumidores. É pertinente acrescentar que a crescente diversidade e pluralismo da cultura contemporânea estão fazendo com que os centros turísticos convencionais não sejam necessariamente os únicos lugares de produção de simbologia significativa em termos de recreação e turismo. Esta constatação tem sido interpretada, inclusive, desde o ponto de vista da análise da construção do imaginário social (VERA, 2013, p.195).

Depois desta breve exposição de teorias sobre a turistificação e a produção de espaços turísticos, consideramos outro pressuposto teórico importante para a construção deste artigo crítico: a relação entre visitantes e visitados. Nos estudos antropológicos dedicados ao tema, há um consenso de se falar da dificuldade em encontrar uma metodologia adequada, para o estudo destas relações já que, em geral, o turista está inserido numa dinâmica de sociedades complexas e nelas, podem ser observadas relações diferentes, inclusive, dentro de uma mesma comunidade.

Segundo Barretto (2007), a interação do turista com o residente pode acontecer de diferentes maneiras: i) na compra de bens e serviços, ii) no compartilhamento dos espaços, ou iii) na busca por informações sobre o local. No entanto, as relações que daí serão estabelecidas serão mediadas por um interesse mútuo: o de usufruir do espaço, o de compra, o de ter uma atitude simpática ou resignada, o de estabelecer



oportunidades de negócio, o de valorização local e melhora da auto-estima, como no caso das comunidades de baixa renda, pelo fato de terem sido alçadas à categoria de interesse e/ou curiosidade ou por passarem a aparecerem na mídia. A geração de empregos a partir do turismo é apenas para alguns.

O turista estrangeiro frente a uma comunidade, sempre irá se destacar pela sua aparência, modo de agir, sotaque, dificuldade em pronunciar palavras estrangeiras, indumentária, ou outra característica dissonante, que irá denunciar sua “clandestinidade”. “Do ponto de vista social e cultural [os turistas] sempre serão forasteiros, e sua relação com a população local sempre será influenciada por esse fato” (BARRETTO, 2007, p.76). Outro ponto importante a destacar nas relações entre visitantes e visitados é a assimetria. Em especial nas relações onde a comunidade receptora é mais pobre que o grupo social do qual o turista faz parte. Os antagonismos identificados nas relações entre a comunidade receptora e os turistas aparecem através de um gracejo, zombaria, atendimento com negligência ou má vontade, “assédio”, curiosidade sobre o outro, atenção diferenciada, entre outros. Tudo isso vai de encontro ao simplismo dos pressupostos da Organização Mundial do Turismo (OMT), que afirma categoricamente que o turismo propicia o entendimento e a aproximação dos povos, das diferentes culturas, promovendo a paz. (OMT, 2001). Nem sempre.

OS CASOS DO COMPLEXO DO ALEMÃO, RIO DE JANEIRO, E DA COMUNA 01, MEDELLÍN

O chamado “Complexo do Alemão” é um conjunto composto por 13 favelas ou comunidades espalhadas por morros localizados na zona Norte da cidade do Rio de Janeiro. A denominação “complexo” se dá justamente por reunir um conjunto de favelas.

Definido como bairro em 1993, o entorno do Complexo sempre foi considerada um dos mais violentos da cidade do Rio de Janeiro, devido à presença de traficantes e facções criminosas. Em novembro de 2010, a Polícia Militar com apoio da Marinha e do Exército do Brasil realizam uma intervenção neste e em bairros vizinhos, buscando controlar o tráfico de toda a região. Entre 2008 e 2010, o Complexo do Alemão entra na agenda das políticas públicas do PAC (Programa de Aceleração do Crescimento) e partir daí é construído um teleférico - que ficou conhecido como “Teleférico do Alemão” -, na intenção de promover maior mobilidade urbana aos moradores, seguindo o modelo da cidade de Medellín, especialmente a linha K de metrocable. Em março de 2012, é instalada a primeira Unidade de Polícia Pacificadora (UPP), um projeto de policiamento comunitário. O controle dos traficantes do Complexo e a instalação das UPPs vão gerar uma sensação de segurança para a realização de visitas. As obras do PAC (especialmente o teleférico) e a novela, “Salve Jorge”, produzida e transmitida pela Rede Globo de Televisão, entre 2012 e 2013, darão

visibilidade e produzirão ressignificações simbólicas do local. Na novela, transmitida para todo o Brasil, vários personagens eram moradores do Complexo, e era frequente o aparecimento do teleférico como cenário. Defendemos que estes elementos serão os responsáveis pela instalação do fenômeno turístico no Complexo. A partir destes elementos, o interesse dos turistas e a oportunidade de trabalho e renda percebidos por moradores destas comunidades, acabaram turistificando determinados trechos do espaço (mais pela ação dos agentes locais que pelo poder público), gerando novas dinâmicas sociais e representações coletivas. No meu trabalho de campo apareceram pelo menos

três agências de turismo que trabalhavam no local: a Turismo no Alemão, Gigatrek e a Visita Guiada. Todas comercializando roteiros turísticos para os visitantes interessados.

Assim como no Complexo do Alemão, e algumas vezes por fatores semelhantes, a Comuna 01 de Medellín, especialmente as infraestruturas construídas através das políticas públicas ligadas ao urbanismo social, foram apropriadas pela atividade turística instalando novas dinâmicas e relações sociais. A ideia da utilização de cabos aéreos, como transporte de massa, tomou forma em Medellín, na metade da década de 1990. Pioneira na implantação desse sistema, a primeira linha entrou em funcionamento em 2004 (Linha K que transpassa as Comunas 01 e 02), a segunda em 2008 (Linha J), a terceira - projetada como essencialmente turística - em 2010 (Linha Parque Arví). A novidade, deste empreendimento, foi a utilização de uma tecnologia - que está mais associada a pistas de esqui e a lugares turísticos -, como transporte público de massa. Os chamados metrocables - por estarem integrados ao sistema de metrô da cidade - faziam parte das ações de transformação urbana do governo, dos Planos de Desenvolvimento Urbano, e, desta forma, foram planejados e construídos em setores onde habitam populações de baixa renda na cidade (DÁVILA et al., 2012). Segundo Quinchía (2013), a proposta do urbanismo social tem suporte na existência de um espaço, em crise, gerado pela ausência de governabilidade; o controle exercido por atores, não-estatais armados, de confronto armado entre organizações criminais, de clientelismo e de fechamento de espaços. Na Comuna 01, não somente a novidade de um teleférico despertou o interesse de visitantes e turistas, mas também a construção de uma Biblioteca Parque, de arquitetura moderna e imponente - a Biblioteca Parque España - localizada em posição estratégica diante da região metropolitana do Valle de Aburrá.

No Complexo do Alemão, os espaços turísticos podem ser resumidos na estação Bonsucesso (de embarque da linha de teleférico, onde ficava um stand receptivo da agência Visita Guiada), o entorno da estação Palmeiras (última estação da linha de teleférico, onde foram instalados barracas de artesanato, de comida e bebida e venda de ambulantes, praticamente todos moradores do Complexo) e trechos de comunidades percorridos por três roteiros vendidos especialmente pelas agências de turismo locais Gigatrek e Turismo no Alemão. Na Comuna 01, podemos resumir os espaços turísticos no entorno da estação Santo Domingo Savio, estação de acesso



ao espaço da comunidade onde se localiza a Biblioteca Parque España e na estação de transferência/saída da Linha Parque Arví. A diferença percebida nos espaços turísticos da Comuna 01 foi a ausência ou a pouca presença de agentes promotores e serviços ligados à atividade turística. Entre 2013 e 2016, participei de pelo menos quatro roteiros oferecidos por agências de turismo locais no Complexo do Alemão. Na Comuna 01 acompanhei grupos de excursões e turistas independentes, em meses de 2014 a 2016.

A “FREQUÊNCIA PREVISÍVEL” DOS ESPAÇOS TURÍSTICOS CONSOLIDADOS E A INCERTEZA DOS ESPAÇOS “DE FORA”

No Complexo do Alemão, a agência Visita Guiada comercializava, em um quiosque da estação Bonsucesso, um roteiro que se resumia em subir de teleférico até a estação Palmeiras, percorrer seu entorno deixando um tempo livre para o turista consumir os serviços oferecidos, e descer de volta à primeira estação. Em 2013 este tour custava por volta de US\$ 9,00. Já a agência Turismo no Alemão, fazia questão de dizer que eram “os únicos que levavam os turistas a ter contato com a comunidade”. Oferecia três tipos de tour diferentes, que custavam em torno de US\$ 14,00, e que passavam por becos e ruas de algumas das comunidades do Complexo, vendendo uma “vivência” e “experiência” do cotidiano da favela.

Na Comuna 01, os guias de turismo levavam os grupos desde a saída da estação Santo Domingo Savio, até a Biblioteca Parque España, percorrendo algumas ladeiras próximas do entorno, passando por pontos do comércio local que vendiam comida ou bebida, pelo gradil que fornecia uma vista do sobe e desce das gôndolas do metrocable, até chegar à Biblioteca. Presenciei também, a entrada de um grupo, na casa de um dos moradores do entorno, onde, do alto, era oferecida uma vista privilegiada da Biblioteca e da região metropolitana do Valle do Aburrá. Aquilo que se poderia, na visão do turista, chamar de “assédio” da população local para venda de serviços e objetos turísticos, era uma constante no entorno das Palmeiras, no Complexo do Alemão. No entanto, me intrigava a falta da oferta de serviços e a tranquilidade da população local na Comuna 01, quando em contato com o movimento de turistas. Fui abordado apenas por duas crianças que moravam perto do gradil, que ofereciam contar aos turistas que ali paravam para tirar fotos, a história da “transformação” social da Comuna em troca de algum dinheiro. Tanto no

Complexo quanto na Comuna 01, os roteiros e percursos que fiz e participei, não pareciam apresentar qualquer sensação de insegurança, mesmo estando em territórios marcados pela violência, por vários motivos: a presença de outros turistas visitando o local, a proximidade com as infraestruturas que eram dotadas de seguranças patrimoniais e polícia, a familiaridade dos moradores com os visitantes ou a presença, quando houve, do guia de turismo acompanhante. Na Comuna 01, fiz alguns dos percursos, acompanhado por moradores da cidade de Medellín. Essa previsibilidade e constância das visitas a estes espaços turistificados, no entanto, foram quebradas quando ousei visitar,

sozinho, espaços “de fora”, não-turistificados, fora do “controle” da atividade turística, e onde os conflitos entre o visitante e o visitado foram muito mais evidenciados.

Em um dos roteiros que fiz no Complexo do Alemão, o monitor que nos acompanhava, nos levou até a porta de um restaurante contando que o estabelecimento era propriedade de um famoso chefe de cozinha. Era um local pouco visitado e ele afirmou que nem sempre levava os grupos até ali. Fui o único que quis tirar fotos da fachada do restaurante. Ao fazê-lo fui interpelado pelo dono da loja vizinha que perguntou em tom agressivo: por que está fotografando a minha loja?? Mesmo me justificando, dizendo que não estava fotografando a loja dele, mas sim a do lado, ele me chamou a atenção dizendo que, se eu queria fotografar, deveria ter perguntado antes. Em outra ocasião, fiz a descida desde a estação Palmeiras até a base do Complexo do Alemão por um caminho diferente daqueles que o roteiro turístico comercial das agências estabelecia. Tive então a experiência de grupos que me observavam com desconfiança, encontros com patrulhas da polícia que me perguntam porque eu estava com uma câmera de fotografia na mão e, em um dos becos, passei por três jovens com armas em punho.

Já em uma das minhas visitas à Comuna 01, resolvi descer a pé, da estação São Domingo Savio até a estação Acevedo (estação da base e de embarque para o topo). Comprei a ideia de dois turistas franceses que haviam feito essa sugestão. Logo de início, percebi que as ladeiras são muito inclinadas, o que dificulta a descida. Observei moradores na varanda das casas, conversando, mas que, quando me viram, começaram a fazer brincadeiras e piadas, imitando uma fala em inglês, já que eu era frequentemente confundido com um turista norte-americano. Segui a infraestrutura de



urbanização construída na Comuna e, mais abaixo, uma criança que estava brincando no quintal de sua casa, quando me viu, gritou na minha direção, perguntando repetidamente: Eres turista?? Eres turista?? Continuando a descida, em uma das escadas que levavam até a próxima estação, encontrei um grupo de jovens consumindo drogas. Eles falaram alguma coisa comigo, mas, acredito que, pelo nervoso, acabei não entendendo e continuei descendo. Desci ainda mais rápido, e cheguei à estação Popular - uma estação abaixo da Santo Domingo Savio. Ali desisti de continuar a pé, entrando então no metrocable. Ao final, já na estação Acevedo encontrei os dois jovens turistas franceses. Eles não haviam descido a pé.

A “FREQUÊNCIA PREVISÍVEL” DOS ESPAÇOS TURÍSTICOS CONSOLIDADOS E A INCERTEZA DOS ESPAÇOS “DE FORA”

Nestas breves experiências, observadas e experienciadas a partir de uma postura científica, pode-se inferir que o espaço turistificado passa a ser também o espaço seguro e controlado pela e para a atividade turística. Assim, nem todo o espaço de um território está sujeito às mesmas dinâmicas e generalizações que levam a se falar de um “Turismo no Alemão” ou em um “Turismo na Comuna 01”. São apenas trechos do espaço que são recortados para que a atividade turística ali aconteça. Esse recorte é dinâmico, mas moldado pelo interesse do turista ou pelo poder público.

O turista é, muitas vezes, visto como intruso em espaços não-turistificados e, nestes, os conflitos entre a população local e os visitantes ficam muito mais evidenciados. Variada é a natureza dos conflitos que podem se dar num espaço turístico: entre turistas e comunidade local, entre turistas e trade turístico, entre membros da mesma comunidade que são “a favor” ou “contra” a atividade turística, ou entre comunidade local e grupos sociais externos, interessados na “exploração” do turismo. Sem desconsiderar estas complexas relações que devem ser levadas em conta, os dados aqui expostos podem levar a uma aderência às ideias de “cenário” (McCannell, 1976) e “performance” (Kirshenblatt-Gimblett, 1990) dos espaços e população ligados ao turismo. A interferência imprevisível do dono da loja no Complexo do Alemão e da criança na Comuna 01, revela a falta de familiaridade ou de entendimento da presença “clandestina” em espaços onde a presença do turista não é desejada ou não está assimilada. Alheios aos benefícios ou ao entendimento da atividade turística, estes

atores questionam a invasão de seus espaços sociais. Por estes e outros fatores, boa parte dos turistas tradicionais prefere uma experiência controlada; um passeio passivo onde prevaleça a “falta de contato” com algo tipo como “perigoso” ou “indesejável” (Boorstin apud URRY, 2001, pág. 23). O “espaço do turista” e o “espaço do turismo” servem a este papel, enquanto constituintes do espaço turístico. Ao se pensar em comunidades receptoras ou comunidades onde acontecem práticas de turismo, a tendência é percebê-las como um grupo homogêneo e imutável, como se entre seus membros não houvesse hierarquias, classes-sociais distintas, divergências político-ideológicas ou lutas de poder (BARRETTO, 2007, p.55).

Em geral, os roteiros turísticos precisam de uma frequência previsível, planejada, que forneça aos seus participantes uma constância de percurso e uma sensação de segurança. Principalmente em territórios de assentamentos informais. O imaginário de uma localidade pacífica e de mobilidade semelhante a do asfalto precisa ser vendida e construída, para que a atividade turística se consolide e permaneça gerando capital.

REFERENCIAS

ABREU, Sabrina e SILVA, Rene. A Voz do Alemão. São Paulo: InVersos, 2013.

BAHL, Miguel. Viagens e roteiros turísticos. Curitiba: Protexto, 2004.

BARRETTO, Margarita. Cultura e Turismo: discussões contemporâneas. Campinas/SP: Papirus, 2007 (Coleção Turismo).

CASTRO, Celso. Narrativas e imagens do turismo no Rio de Janeiro. In: VELHO, Gilberto (org.). Antropologia Urbana. Cultura e sociedade no Brasil e em Portugal. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999.

COSTA, Simone Dantas e FERREIRA, Helena Catão Henriques. Reflexões acerca da produção do espaço turístico pelo turismo religioso em Armação dos Búzios/RJ. Anais do Seminário da ANPTUR, 2016.

DÁVILA, Julio D. (comp.) Mobilidad urbana y pobreza: aprendizajes de Medellín y Soacha, Colombia. Colômbia/Medellín: Universidad Nacional de Colombia, 2012.

DE CERTEAU, Michel. A invenção do cotidiano: artes de fazer. Petrópolis/RJ: Vozes, 1994. Vol. 01.

GÓMEZ, G. Johan., LÓPEZ, Z. Ledys e MEES, Luiz A.L. Turismo en territorios informales: las motivaciones del turista para visitar las favelas de Río de Janeiro en Brasil y las Comunas de alta ladera en Medellín, Colômbia. Edición en Línea: ISSN 2590-6208, volumen 1
<http://www.conpeht.com/revistas/r1/1.%20Art%C3%ADculos%20cortos/1.5.pdf>.
CONPHET, 2017, Medellín. Memórias. 2017.

FRATUCCI, A. (2008). A dimensão espacial nas políticas públicas brasileiras de turismo: as possibilidades das redes regionais de turismo. Tese de Doutorado. Programa de Pós-graduação em Geografia, Universidade Federal Fluminense (UFF), Niterói, 2008.

KIRSHENBLATT-GIMBLETT, Barbara. Objects of Ethnography in: KARP, Ivan and LAVINE, Steven D.(eds.). Exhibing Cultures: thepoeticsandpoliticsofmuseumdisplaces. Smithsonian Books. EUA, 1990.

MAcCANNELL, Dean. The tourist. A new theory of the leisure class. London: Macmillan, 1976.

MEES, Luiz Alexandre Lellis. Espaços turísticos construídos no Complexo do Alemão por roteiros comerciais. Revista Iberoamericana de Turismo (RITUR). Vol. 05. no.01, 2015. OMT. Introdução ao Turismo. São Paulo: Roca, 2001.

QUINCHÍA, Roldán Suly María. Discurso y producción de ciudad. Un acercamiento al modelo de urbanismo social de Medellín. In: Cuadernos de Vivienda y Urbanismo. Jan.-Jun. 2013, vol. 6, no 11, p.122-139.

RAMÍREZ, Iván Darío e COSTA, Grazielle. Para além da “guerra” e da “paz”: territórios de violência em Medellín. Revista Crítica de Ciências Sociais. 96 (2012).

SAMPAIO, Sofia. Estudar o turismo hoje: para uma revisão crítica dos estudos de turismo,

Etnográfica [Online], vol. 17 (1), 2013, Online desde 13 Março 2013, consultado em 30 Setembro 2016. URL : <http://etnografica.revues.org/2615> ; DOI : 10.4000/etnografica.2615.

SMITH, Valene L. (comp.). Anfitriones e invitados: antropologia del turismo. Madrid: Endymion, 1989.

VELÁSQUEZ, Claudia María Giraldo e AGUIRRE, Sandra Zapata. Política turística del departamento de Antioquia. Revista de Investigación em Turismo y Desarrollo Local. Vol. 3, no 8, Setembro/Dezembro de 2010.

VERA, J. Fernando (coord.). Análisis territorial del Turismo y planificación de destinos turísticos. Valencia: Tirant Humanidades, 2013.

URRY, John. O olhar do turista. Lazer e viagens nas sociedades contemporâneas. São Paulo: Studio Nobel/SESC, 2001.

